



Ano VI, v.1 2026 | submissão: 26/01/2026 | aceito: 28/01/2026 | publicação: 30/01/2026

## De Dentro Para Fora: Autismo E Os Desafios Da Educação Inclusiva Na Formação De Professores

*From Inside Out: Autism And The Challenges Of Inclusive Education In Teacher Training*

**Fernanda Cristina Garcia Salgado de Almeida**

Formada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Puc-Minas - Brasil

E-mail: [fcgsalmeida@hotmail.com](mailto:fcgsalmeida@hotmail.com)

### Resumo

Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre as fragilidades estruturais da educação brasileira no reconhecimento, acolhimento e acompanhamento de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), especialmente aqueles classificados no nível 1 de suporte. A partir de abordagem autobiográfica, analisa-se o impacto do diagnóstico tardio na trajetória escolar, social e emocional de uma mulher oriunda da periferia e de contexto de extrema pobreza, diagnosticada aos 40 anos. Discute-se o diagnóstico para além de uma perspectiva patologizante, compreendendo-o como instrumento de emancipação, acesso a direitos e ressignificação identitária. Destaca-se o papel da formação inicial e continuada de professores na identificação precoce dos sinais do TEA, no enfrentamento da exclusão escolar e na construção de práticas pedagógicas inclusivas, com planos individualizados centrados no estudante. Conclui-se que a ausência de olhar pedagógico atento e humanizado contribui para marginalização, adoecimento e não pertencimento, enquanto a efetivação da educação inclusiva transforma trajetórias e produz justiça social.

**Palavras-chave:** Educação inclusiva; Autismo; Diagnóstico tardio; Formação de professores; Narrativa autobiográfica.

### Introdução

Este artigo dialoga com o livro *O Relato de uma Favelada Autista: Do Morro à Montanha*, obra autobiográfica que dá visibilidade a uma trajetória marcada pela pobreza extrema, exclusão escolar e diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista (TEA), recebido aos 40 anos. Ao compartilhar a experiência, o objetivo não se restringe à narrativa pessoal, mas propõe reflexão sobre o papel da escola na formação humana e sobre os limites de uma educação que ainda falha em reconhecer a diversidade do neurodesenvolvimento.

Crescer como pessoa autista nível 1 de suporte, sem diagnóstico e sem apoio educacional, significou atravessar infância e adolescência sob constante sobrecarga. A escola, que deveria acolher, também foi espaço de incompreensão. Dificuldades de interação social, hipersensibilidade sensorial e modos singulares de aprender foram interpretados como inadequação ou falta de esforço. Para muitas crianças autistas nível 1 — especialmente da periferia — a invisibilidade torna-se forma silenciosa de exclusão.

Por apresentarem linguagem funcional e desempenho intelectual preservado, esses estudantes tendem a passar despercebidos pelo sistema educacional. A ausência de suporte não significa autonomia, mas acúmulo de exigências emocionais e cognitivas que impactam o desenvolvimento, favorecendo ansiedade, crises recorrentes e, muitas vezes, adoecimento psíquico. Tal realidade evidencia falhas estruturais da escola em observar, compreender e intervir precocemente diante das



**Ano VI, v.1 2026 | submissão: 26/01/2026 | aceito: 28/01/2026 | publicação: 30/01/2026**

especificidades do TEA.

A partir do olhar de quem também atuou como gestora educacional, revisitar essa trajetória evidencia que muitas histórias poderiam ser diferentes se houvesse um ambiente escolar mais atento, alfabetizador, inclusivo e humanizado. Professores e gestores ocupam posição estratégica na identificação de sinais do TEA, no diálogo com famílias e na construção de práticas pedagógicas que acolham e promovam o desenvolvimento integral.

Este artigo tem como objetivo contribuir para a formação de educadores, chamando atenção para estudantes com TEA nível 1 de suporte. Defende-se o diagnóstico precoce não para patologizar diferenças, mas para garantir direitos, reduzir sobrecargas e transformar trajetórias escolares e sociais.

## **Fundamentação teórica**

### **Desenvolvimento humano, ambiente e interações na educação inclusiva**

O desenvolvimento humano não ocorre isoladamente, mas se constitui nas interações entre sujeito e meio social. Piaget (1978) evidencia que o desenvolvimento cognitivo resulta da interação constante entre indivíduo e ambiente, mediada por assimilação e acomodação. O meio não é neutro, mas componente da formação do sujeito.

Na infância e adolescência — fases centrais da constituição psíquica, social e intelectual — a qualidade das interações escolares impacta diretamente o desenvolvimento. Ambientes empobrecidos ou marcados por relações excludentes restringem aprendizagem e construção identitária, especialmente para estudantes cujos modos de ser e aprender não se ajustam aos padrões hegemônicos.

Freire (1996) amplia essa perspectiva, afirmando que o sujeito se forma nas relações que estabelece com o mundo. Para ele, a educação é ato político, ético e relacional, no qual a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Assim, a formação humana depende do meio, das relações e dos vínculos que o sujeito estabelece.

### **Escola, normalização e exclusão**

O modelo escolar tradicional tende à normalização de comportamentos e formas de aprendizagem, classificando estudantes não adaptados como problemáticos. No caso do autismo feminino, a exclusão é sutil e persistente, pois sinais do espectro frequentemente passam despercebidos. A invisibilidade institucional gera sobrecarga emocional, isolamento e silenciamento.

O diagnóstico do TEA, frequentemente visto como rótulo limitador, deve ser ressignificado como instrumento de organização da experiência, acesso a direitos e construção de estratégias pedagógicas (ALMEIDA, 2025; PIAGET, 1978). Segundo Piaget, o desenvolvimento ocorre na interação entre sujeito e meio; o diagnóstico permite ajustar o ambiente educativo, transformando desafios em oportunidades.

Para Freire (1996), a educação é ato de liberdade construído no diálogo. O diagnóstico, quando apropriado eticamente, permite que o indivíduo compreenda o mundo a partir de sua singularidade, promovendo autocompreensão e autoria. Para estudantes com TEA nível 1 de suporte, essa mediação é essencial, pois a invisibilidade institucional e o julgamento moralizante geram sobrecarga emocional, isolamento e silenciamento.

A autobiografia *O Relato de uma Favelada Autista: Do Morro à Montanha* vai além da narrativa pessoal, funcionando como instrumento de apoio para outras mulheres e pessoas com TEA nível 1 de suporte que vivenciaram infância e adolescência sem diagnóstico ou suporte educacional. O livro atua como guia simbólico, mostrando que, mesmo diante da neurodivergência, é possível transformar trajetórias e reivindicar espaço nos ambientes educativos e sociais.

A formação inicial e continuada de professores deve contemplar estudo do neurodesenvolvimento, sinais precoces do TEA e especificidades do autismo. Além do conhecimento técnico, é essencial cultivar postura ética, empática e dialógica, capaz de mediar relações entre escola, família e rede de saúde sem estigmatização. Professores bem preparados interrompem ciclos de exclusão, minimizam sobrecargas e constroem ambientes inclusivos que promovem aprendizagem, pertencimento e desenvolvimento humano.

## **Metodologia**

O estudo insere-se no campo da pesquisa qualitativa, de natureza autobiográfica, narrativa e reflexiva, articulada à análise teórico-crítica em educação inclusiva. A autobiografia da autora (ALMEIDA, 2025) constitui corpus principal, complementada por memórias formativas, registros reflexivos e experiência como gestora educacional.

Procedimentos metodológicos: leitura analítica das narrativas, categorização temática (infância e periferia, normalização escolar, invisibilização do autismo sobretudo feminino, diagnóstico tardio e espelhamento, ambiente educativo, formação docente, inclusão/exclusão) e análise interpretativa. Perspectiva ética: dignidade, autoria e não estigmatização. A autobiografia é utilizada como instrumento de resgate, formação e emancipação.



## Considerações finais

Ao articular autobiografia, reflexão teórica e prática educacional, evidencia-se que educação, diagnóstico e resiliência estão intimamente conectados. Quando a escola aprende a observar, ouvir e agir a partir da singularidade de cada estudante, transforma vidas e forma sujeitos. A experiência relatada e a obra *O Relato de uma Favelada Autista: Do Morro à Montanha* demonstram que a neurodivergência não constitui obstáculo à participação social, mas convite para repensar práticas pedagógicas e políticas educacionais.

Piaget contribui para compreender que o desenvolvimento ocorre na interação contínua entre sujeito e meio; Freire reforça que a educação é ato de liberdade, construído no diálogo. Essas perspectivas fundamentam a necessidade de ambientes escolares que reconheçam e valorizem a diversidade, promovendo inclusão efetiva, humanização, justiça social e construção de trajetórias possíveis.

O diagnóstico, a educação e a autobiografia atuam como instrumentos integrados de transformação. Cada sujeito invisibilizado pode encontrar caminhos de pertencimento e realização, e a escola, mediada por professores éticos e conscientes, desempenha papel decisivo. Transformar vidas exige olhar atento, diálogo, empatia e práticas pedagógicas que libertem e ressignifiquem experiências, demonstrando que a educação reconstrói trajetórias e produz justiça social.

## Referências

ALMEIDA, Fernanda. *O Relato de uma Favelada Autista: Do Morro à Montanha*. Belo Horizonte: Editora Vamos, Contagem/MG 1ª edição Julho de 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PIAGET, Jean. *A psicologia da criança*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1978.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-5*. 5. ed. Arlington: American Psychiatric Association, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. *Políticas de educação inclusiva: fundamentos, práticas e desafios*.

**From The Inside Out: Autism And The Challenges Of Inclusive Education In Teacher Training**  
*De Dentro Para Fora: Autismo E Os Desafios Da Educação Inclusiva Na Formação De Professores*

**Fernanda Cristina Garcia Salgado de Almeida**

Graduated from Pontifical Catholic University of Minas Gerais – PUC-Minas – Brazil

E-mail: [fcgsalmeida@hotmail.com](mailto:fcgsalmeida@hotmail.com)

Ano VI, v.1 2026 | submissão: 26/01/2026 | aceito: 28/01/2026 | publicação: 30/01/2026

## Abstract

This article proposes a critical reflection on the structural weaknesses of Brazilian education in recognizing, supporting, and monitoring students with Autism Spectrum Disorder (ASD), especially those classified as level 1 support. Using an autobiographical approach, it analyzes the impact of late diagnosis on the school, social, and emotional trajectory of a woman from the periphery and extreme poverty, diagnosed at the age of 40. The diagnosis is discussed beyond a pathologizing perspective, understood as an instrument for empowerment, access to rights, and identity re-signification. The role of initial and continuing teacher education in the early identification of ASD signs, addressing school exclusion, and developing inclusive pedagogical practices with individualized student-centered plans is highlighted. It is concluded that the absence of attentive and humanized pedagogical practices contributes to marginalization, illness, and lack of belonging, whereas effective inclusive education can transform trajectories and produce social justice.

**Keywords:** Inclusive education; Autism; Late diagnosis; Teacher training; Autobiographical narrative.

## Introduction

This article engages with the book *O Relato de uma Favelada Autista: Do Morro à Montanha*, an autobiographical work that gives visibility to a trajectory marked by extreme poverty, school exclusion, and late diagnosis of Autism Spectrum Disorder (ASD), received at the age of 40. By sharing this experience, the goal is not limited to personal narrative but proposes reflection on the role of schools in human formation and the limits of an education that still fails to recognize neurodevelopmental diversity.

Growing up as a level 1 support autistic person, without diagnosis or educational support, meant navigating childhood and adolescence under constant overload. School, which should have been a place of care, was also a space of misunderstanding. Difficulties in social interaction, sensory hypersensitivity, and unique ways of learning were interpreted as inadequacy or lack of effort. For many level 1 autistic children — especially those from the periphery — invisibility becomes a silent form of exclusion.

Because they exhibit functional language and preserved intellectual performance, these students often go unnoticed in the educational system. Absence of support does not mean autonomy but an accumulation of emotional and cognitive demands that directly impact development, fostering anxiety, recurrent crises, and, often, psychological distress. This reality highlights structural failures of the school in observing, understanding, and acting early regarding ASD specificities.

From the perspective of someone who also served as a public school manager, revisiting this trajectory shows that many stories could have been different if the school environment had been more attentive, literacy-focused, inclusive, and humanized. Teachers and managers occupy strategic positions in identifying ASD signs, dialoguing with families, and building pedagogical practices that embrace students and promote their integral development.

This article aims to contribute to teacher training, drawing attention to students with level 1



**Ano VI, v.1 2026 | submissão: 26/01/2026 | aceito: 28/01/2026 | publicação: 30/01/2026**

support ASD. Early diagnosis is advocated not to pathologize differences but to guarantee rights, reduce overload, and transform school and social trajectories.

## **Theoretical Framework**

### **Human Development, Environment, and Interactions in Inclusive Education**

Human development does not occur in isolation but is constituted through interactions between the individual and the social environment. Piaget (1978) emphasizes that cognitive development results from constant interaction between the individual and the environment, mediated by assimilation and accommodation. The environment is not neutral but a key component of subject formation.

In childhood and adolescence — central phases of psychological, social, and intellectual formation — the quality of school interactions directly impacts development. Environments impoverished in stimuli or marked by exclusionary relationships restrict learning and identity construction, especially for students whose ways of being and learning do not align with hegemonic standards.

Freire (1996) expands this perspective, affirming that the subject is formed through relationships established with the world. Education is a political, ethical, and relational act, in which reading the world precedes reading the word. Human formation is therefore intrinsically linked to the environment, relationships, and bonds the subject establishes.

#### **School, Normalization, and Exclusion**

The traditional school model tends to normalize behaviors and learning methods, classifying students who do not adapt as problematic. In the case of female autism, exclusion is subtle and persistent, as signs of the spectrum are often overlooked. Institutional invisibility generates emotional overload, isolation, and silencing.

### **Diagnosis and Autobiography**

The diagnosis of ASD, often seen as a limiting label, must be re-signified as a tool for organizing experience, accessing rights, and developing pedagogical strategies (ALMEIDA, 2025; PIAGET, 1978). According to Piaget, development occurs in the interaction between the individual and the environment; diagnosis allows the educational environment to be adjusted, transforming challenges into learning and participation opportunities.

For Freire (1996), education is an act of freedom built through dialogue. Diagnosis, when



**Ano VI, v.1 2026 | submissão: 26/01/2026 | aceito: 28/01/2026 | publicação: 30/01/2026**

ethically applied, allows the individual to understand the world from their singularity, promoting self-understanding and authority. For students with level 1 support ASD, this mediation is essential, as institutional invisibility and moralizing judgment produce emotional overload, isolation, and silencing.

The autobiography *O Relato de uma Favelada Autista: Do Morro à Montanha* goes beyond personal narrative, serving as a support tool for other women and level 1 support autistic individuals who experienced childhood and adolescence without diagnosis or educational support. The book acts as a symbolic guide, showing that even in the face of neurodivergence, it is possible to transform trajectories and claim space in educational and social environments.

Initial and continuing teacher education must include the study of neurodevelopment, early signs of ASD, and autism specificities. Beyond technical knowledge, it is essential to cultivate an ethical, empathetic, and dialogical posture capable of mediating relationships between school, family, and health networks without stigmatization. Well-prepared teachers break cycles of exclusion, minimize overloads, and build inclusive environments that foster learning, belonging, and human development.

## **Methodology**

The study falls within qualitative research, autobiographical, narrative, and reflective in nature, articulated with theoretical-critical analysis in inclusive education. The author's autobiography (ALMEIDA, 2025) constitutes the main corpus, complemented by formative memories, reflective records, and experience as an educational manager.

Methodological procedures: analytical reading of narratives, thematic categorization (childhood and periphery, school normalization, invisibility of female autism, late diagnosis and mirroring, educational environment, teacher training, inclusion/exclusion), and interpretative analysis. Ethical perspective: dignity, authority, and non-stigmatization. The autobiography is used as a tool for rescue, training, and emancipation.

## **Final Considerations**

By articulating autobiography, theoretical reflection, and educational practice, it is evident that education, diagnosis, and resilience are closely interconnected. When the school learns to observe, listen, and act according to each student's singularity, it transforms lives and shapes subjects. The experience reported and the book *O Relato de uma Favelada Autista: Do Morro à Montanha* demonstrate that neurodivergence is not an obstacle to social participation but an invitation to rethink



**Ano VI, v.1 2026 | submissão: 26/01/2026 | aceito: 28/01/2026 | publicação: 30/01/2026**

pedagogical practices and educational policies.

Piaget helps understand that development occurs in continuous interaction between the subject and the environment; Freire reinforces that education is an act of freedom, built through dialogue. These perspectives underpin the need for school environments that recognize and value diversity, promoting effective inclusion, humanization, social justice, and possible trajectories.

Diagnosis, education, and autobiography act as integrated instruments of transformation. Each invisible subject can find paths to belonging and fulfillment, and the school, mediated by ethical and conscious teachers, plays a decisive role. Transforming lives requires attentive observation, dialogue, empathy, and pedagogical practices that liberate and re-signify experiences, demonstrating that education reconstructs trajectories and produces social justice.